

A grande conspiração

A
GUERRA SECRETA
CONTRA
A RUSSIA
SOVIÉTICA

MICHAEL SAYERS
ALBERT E. KAHN

Esta obra, escrita a Moscou, que circulou e
foi traduzida após 25 anos de clandestinidade, é uma
operação de inteligência dos serviços secretos. Ela trata
o plano para destruir a Rússia e o plano
internacional e os métodos internacionais que
estão empregados na destruição de um país.
* * * * * edição a quatro tomos. * * * * *

Editora Brasiliense Ltda. - São Paulo

X — RUMO À FRONTEIRA FINLANDESA	153
1. Antibolchevismo na Broadway — 2. Agente B1 — 3. Cem negros em Detroit — 4. O fim de Sidney Reilly.	

CAPÍTULO X

RUMO À FRONTEIRA FINLANDESA

1. Antibolchevismo na Broadway

Uma delegação de russos brancos estava no cais para saudar o *New Amsterdam*, o navio que trazia o Capitão Sidney Reilly e sua esposa para a América, no verão de 1924. Havia flôres, champanha e discursos inflamados, saudando o "herói da cruzada antibolchevique."

Reilly sentiu-se logo à vontade nos E.U.A. Discutia-se amplamente um empréstimo americano à Rússia Soviética. Poderosos homens de negócio eram pelo empréstimo; e o governo soviético, ansioso por conquistar a amizade da América, e necessitando desesperadamente de capital e maquinaria para reorganizar a sua economia desmantelada, vinha fazendo concessões para obtê-lo.

"Havia belas perspectivas para o Soviete obter o empréstimo", recordava Mrs. Reilly mais tarde. "Sidney estava decidido a impedi-lo. Grande parte de seus trabalhos na América era feito no intuito de frustrar êsse empréstimo."

Reilly imediatamente entrou em luta contra o empréstimo proposto. Montou um escritório na Broadway, o qual se transformou rapidamente em Q. G. dos conspiradores anti-soviéticos e russos brancos residentes nos Estados Unidos. Grande quantidade de propaganda anti-soviética saía do gabinete de Reilly endereçada aos editôres influentes, publicistas, educadores, políticos e homens de negócio dos Estados Unidos. Reilly empreendeu uma *tournée* de conferências pelo país, para informar o público acêrca do "perigo do bolchevismo e sua ameaça à civilização e ao comércio mundial." Promoveu uma série de "palestras confidenciais" com pequenos

grupos seletos de homens da Wall Street e industriais abastados em várias cidades da América.

“Quer por meio de conferências públicas com por atividades na imprensa”, escreveu a Senhora Reilly, “Sidney lutava contra o empréstimo bolchevique. E é desnecessário afirmar que de revelação em revelação, de descoberta em descoberta, obteve uma vitória completa, e o empréstimo soviético nunca se materializou.” (36.)

Sabotar o empréstimo à Rússia não foi a atividade anti-soviética principal de Reilly nos Estados Unidos. Seu empreendimento principal era criar no solo americano um ramo da Liga Internacional Antibolchevique, que prestasse poderoso apoio às diversas conspirações anti-soviéticas que êle vinha promovendo na Europa e na Rússia. Havia ramificações da liga de Reilly operando em Berlim, Londres, Paris e Roma, bem como através do *cordão sanitário* dos Estados Bálticos e Balcânicos. No Oriente remoto fôra fundado um ramo da liga em Harbin, Manchúria, financiada pelo Japão e sob a direção do notório terrorista cossaco Ataman Semyonov. Nos E.U.A. não existia nenhum aparelho organizado dessa natureza. Havia, entretanto, material excelente com o qual criá-lo.

Os amigos russos brancos de Reilly apresentaram-no logo às rodas americanas influentes e abastadas, que poderiam despendar largas somas para financiar a campanha anti-soviética.

“No que concerne ao dinheiro”, escrevia Reilly nesse ano, em carta confidencial, a um de seus agentes na Europa, “é aqui o melhor mercado para tal empresa, e só aqui. Mas para obter dinheiro a gente tem de vir aqui com um plano bem definido e plausível, e com argumentos bastante substanciais que provem ser uma minoria capaz de, dentro de um tempo razoável, emprender e levar a cabo uma reorganização do negócio.”

(36) Não se pode creditar somente a Sidney Reilly tal vitória contra a Rússia Soviética. Outros houve nos E.U.A. não menos ferrenhos e que lutaram não menos enérgicamente para impedir o empréstimo. Entre êles figura Herbert Hoover, então secretário do Comércio, cuja animosidade contra os bolcheviques era incansável. “A questão de comércio com a Rússia”, informava Hoover a Maxim Litvinov em 31 de março de 1921, “é mais política do que econômica, enquanto a Rússia se mantiver sob o contróle dos bolcheviques.”

“O interesse de uma minoria”, a que Reilly se referia em sua linguagem cifrada, era o movimento anti-soviético na Rússia. A “reorganização do negócio” é a derrocada do governo soviético. Reilly acrescentava:

“Com tais premissas, seria possível a gente aproximar-se aqui, na primeira vez, do maior industrial de automóveis, o qual poderia interessar-se pelas concessões, uma vez que se lhe desse prova (não simplesmente uma promessa) de que as concessões renderiam. Uma vez conquistado o interesse, a questão de dinheiro poderia considerar-se resolvida.”

Conforme as memórias da Senhora Reilly, o seu marido se referia a Henry Ford.

2. Agente Bl

O líder do movimento emigrado branco anti-soviético nos E.U.A. era um ex-oficial czarista, o Tenente Boris Brasol, ex-agente da Ochrana que já atuara como advogado de acusação da Suprema Corte de S. Petersburgo. Ele viera aos E.U.A. em 1916, como representante russo à conferência interaliada em Nova Iorque, e depois disso permanecera na América como agente especial czarista.

Homem pequeno, pálido, nervoso, efeminado, testa oblíqua, nariz saliente, olhos escuros e meditativos, Brasol era afamado como violento e incansável propagandista anti-semita. Em 1913, êle desempenhava papel preponderante no famoso caso Beilis, em que a polícia secreta czarista tentara provar que os judeus praticavam assassinio ritual e tinham matado um jovem cristão em Kiev, por instinto de sangue (37.)

(37) “Fui eu o segundo e maior investigador preliminar na Rússia”, relatou Brasol a um jornalista que o entrevistou após a sua chegada aos Estados Unidos. “Eu investiguei crimes por toda a Europa por ordem do governo. Na Suíça, Alemanha, França e Inglaterra fiz-me perito em investigação criminal.” O jornalista americano perguntou a Brasol se acreditava que os judeus cometessem assassinio ritual. “Como não?” respondeu Brasol. Mais tarde o jornalista descreveu sua impres-

Depois da revolução, Brasol formara a primeira organização conspirativa russo-branca nos E.U.A. Chamava-se a União dos Oficiais do Exército e da Esquadra Czarista e era largamente integrada por antigos membros dos Cem Negros emigrados para a América. Em 1918 o grupo de Brasol estava em estreito contacto com o Departamento de Estado, munindo-o de dados espúrios e falsas informações em que o Departamento de Estado baseou a sua opinião acêrca da autenticidade dos fraudulentos "Documentos Sisson" (38.)

Alegando ser um perito de negócios russos, Brasol conseguiu lugar no serviço secreto dos E.U.A. Como agente "B I" dos E.U.A., um dos primeiros atos de Brasol foi conseguir de Natalie De Bogory, filha de um ex-general czarista, uma tradução inglesa dos "Protocolos dos Sábios de Sião", infame invencionice anti-semita que fôra usada na Rússia Imperialista pela polícia secreta czarista para provocar enormes *pogroms* contra os judeus, e que o emigrado czarista Alfredo Rosenberg fizera circular largamente em Munique. Brasol introduziu a tradução dos "Protocolos" nos E.U.A. como um documento autêntico capaz de "explicar a Revolução Russa."

Para obter o apoio dos russos brancos e convencer os americanos de que a Revolução Bolchevique era parte de uma "conspiração judaica internacional", Brasol começou divulgando os "Protocolos" nos E.U.A. Ele ampliou a propaganda czarista com literatura anti-semita de sua própria lavra. No comêço de 1921, foi publicado em Boston um livro de Brasol intitulado *A Encruzilhada do Mundo*. A obra afirmava que a revolução russa fôra instigada, financiada e chefiada pelos

são pessoal da entrevista. "Eu me sentia mal — disse êle — ao ver-me sentado com êsse discípulo dos Cem Negros Russos e ouvi-lo em pleno século XX, narrar friamente a crueldade medieval dos escudeiros czaristas."

(38) Os chamados "Documentos Sisson," pretendendo provar que Lênin e outros líderes soviéticos eram pagos pelo alto comando alemão, foram publicados e distribuídos nos E.U.A. pelo Departamento de Estado após a Revolução Bolchevique. Os documentos, originariamente oferecidos à venda por russos brancos tinham sido rejeitados pelo serviço secreto britânico como vergonhosamente forjados. Edgar Sisson, oficial do Departamento de Estado, procurou os documentos e os trouxe a Washington. Posteriormente a falsidade desses documentos foi definitivamente estabelecida.

judeus. A queda do czar e suas conseqüências internacionais, escrevia Brasol, foram parte de um "sinistro movimento do qual participaram todos os judeus do mundo e também Mr. Wilson."

A 1 de julho de 1921, Brasol era capaz de vangloriar-se, numa carta escrita a outro emigrado nos E.U.A., Major-general Conde V. Tcherep-Spirodovitch:

"No último ano escrevi três livros que causaram mais prejuízo aos judeus do que dez pogroms."

Tcherep-Spirodovitch era um propagandista anti-semita extraordinariamente consciente. Além do que, recebia recursos financeiros de um famoso industrial americano. O nome desse industrial era Henry Ford.

Boris Brasol vivia, pois, na intimidade dos agentes da Ford Motor Company, e confiara ao magnata do automóvel os originais dos "Protocolos..."

3. Cem Negros em Detroit

Realizara-se nos E.U.A. uma aliança sinistra entre os emigrados czaristas de mentalidade semifeudal e os famosos industriais americanos que tinham desenvolvido os métodos mais modernos de produção na guerra...

O fim da guerra veio encontrar Henry Ford agastado e desiludido. O projeto quixotesco do Navio da Paz, que Ford enviara à Europa durante a guerra, transformara-se num fiasco absurdo; e o fabricante de automóveis caíra no ridículo conseqüentemente. Ele andava, além do mais, profundamente ressentido pelo fato de ter experimentado considerável dificuldade em obter um empréstimo em Wall Street para a planejada expansão de sua indústria. Homem tão inculto quanto tecnicamente talentoso, Ford prestou ouvidos atentos aos russos brancos quando vieram a êle para lhe contar que os judeus eram os verdadeiros culpados de seus problemas. Como provas disso exibiram-lhe os "Protocolos dos Sábios de Sião." Após cuidadoso exame dos "Protocolos", Ford chegou à conclusão de que êles ofereciam a explicação a

tôdas as suas dúvidas. Decidiu-se a dar ampla divulgação à invenção anti-semita reimprimindo-a em seu jornal *Dearborn Independent*.

O resultado foi que os aristocratas russos anti-soviéticos, terroristas da Guarda Branca, Cem Negros, *pogromistas* e ex-agentes da polícia secreta czarista, emigrados nos E.U.A. depois da Revolução, arribaram para as fábricas Ford em Detroit. Eles convenceram Henry Ford de que o próprio govêrno dos E.U.A. estava sob a ameaça de uma "conspiração judaica" revolucionária, e de que os grupos e indivíduos liberais americanos eram com efeito "frentes judaicas." Sob essa experimentada supervisão, nutrida e respeitada pela posição e riqueza de Ford, formou-se uma tremenda e completa organização secreta para espionagem dos elementos liberais americanos, a fim de promover projetos reacionários e anti-soviéticos, coligir intrigas anti-semitas e divulgar a propaganda antijudaica nos Estados Unidos.

O Q. G. dessa organização foi a Companhia Ford. Seus membros eram conhecidos por números especiais de código secreto. O secretário privado de Ford, E. G. Liebold, era 121 X. W. J. Cameron, editor do *Dearborn Independent*, era 122 X. Natalie de Bogory, que como assistente de Brasol traduzia os "Protocolos" para o inglês, era 29 H.

A organização de Ford penetrou em todos os recantos da vida americana. Seus agentes atuavam nos jornais influentes, nas universidades famosas, em corporações conhecidíssimas e até mesmo em agências do govêrno dos E.U.A. O Dr. Harris Houghton, antigo membro do serviço de informações militar dos E.U.A. chefiava o chamado Serviço de Detetives de Ford, departamento especial do aparelho conspirativo. O número de código do Dr. Houghton era 103 A. A função principal do serviço de detetives era a de obter dados acêrca de liberais americanos proeminentes para os fins de propaganda anti-soviética e anti-semita. Entre os nomes investigados que figuravam na lista negra do serviço de detetives estavam os de Woodrow Wilson, Coronel Raymond Robins, Reverendo John Haynes Holmes, Helen Keller, os juizes Hughes e Brandeis. Segundo informações do serviço de detetives êsses indivíduos e grupos afins vinham sendo utilizados na "conspiração judaica" para subverter o govêrno americano.

As descobertas do serviço de detetives foram publicadas no *Dearborn Independent* de Ford, que ao mesmo tempo estava publicando em série os "Protocolos dos Sábios de Sião." Eis um comentário típico a respeito de Woodrow Wilson:

"Mr. Wilson, quando presidente, estava intimamente ligado aos judeus. Seu ministério, como todos sabem, era predominantemente judeu. Como antigo presbiteriano, Mr. Wilson adotava ocasionalmente um modo de pensar cristão durante as suas declarações públicas, sendo então rigidamente repreendido por seus censores judaicos."

Uma história acêrca de William Howard Taft no *Dearborn Independent* concluía com êste parágrafo:

"É essa a história dos esforços de William Howard Taft para enfrentar os judeus e de como êles o dominaram. É uma história provàvelmente digna de se conhecer, dado o fato de se ter tornado uma daquelas "frentes gentílicas" de que os judeus se utilizam para a sua própria defesa."

Agentes especiais da organização de Ford eram enviados além-mar e viajavam milhares de milhas para coligir novas calúnias e invencionices contra os judeus. Um desses agentes, um russo branco chamado Rodionoff, partiu para o Japão a fim de obter material especial de propaganda anti-semita da colônia russo-branca domiciliada ali. Antes de partir dos E.U.A. Rodionoff cabografou a Charles W. Smith, membro influente da organização de Ford:

"Minhas condições são as seguintes: Durante seis meses eu lhe fornecerei com exclusividade material contratado. Você adiantará mensalmente 1.500 dólares americanos pagáveis no Banco de Yokohama. Você pagará o material já fornecido.

Rodionoff."

Descrevendo a situação que se desenvolvera na Companhia Ford, Norman Hapgood, famoso jornalista americano, mais tarde ministro na Dinamarca, escreveu:

“Na atmosfera em que trabalhavam os detetives de Ford, falava-se de verdadeiros *pogroms* que haviam de sobrevir no país. Com efeito, no círculo de Ford, manifestaram-se exatamente os mesmos sintomas que existiam na Rússia nos dias dos Cem Negros... Politicamente, isso significava que a história se estava repetindo. Como Brasol era neste país o cabeça dos russos expatriados que tentavam repor os Romanovs no trono, isso significava que a perseguição de Ford, com a lógica dos acontecimentos, filiar-se à cruzada multissecular que os déspotas da Europa tinham instigado reiteradamente, com intuito de inflamar, em favor dos seus propósitos, o fanatismo religioso das massas ignorantes.”

Como Henri Deterding na Inglaterra e Fritz Thyssen na Alemanha, o rei americano do automóvel, Henry Ford, identificara-se com o antibolchevismo mundial e com o fenómeno rapidamente crescente do fascismo. Segundo o que afirmou publicamente Auer, vice-presidente da Dieta Bávara, em 8 de fevereiro de 1932, na edição do *New York Times*:

“A Dieta Bávara foi de há muito tempo informada de que o movimento de Hitler é parcialmente financiado por um líder anti-semita americano, Henry Ford. O interesse de Mr. Ford no movimento anti-judaico bávaro começou há um ano, quando um dos agentes de Mr. Ford entrou em contacto com Dietrich Lichart, nacionalista exaltado. O agente regressou à América e imediatamente o dinheiro de Mr. Ford começou a chegar a Munique... Herr Hitler gaba-se abertamente do apoio de Mr. Ford e enaltece-o, não como um grande indivíduo, mas como um grande anti-semita.”

Numa repartição acanhada, inexpressiva, à Rua Cornelius, em Munique, que era o Q. G. de Adolfo Hitler, uma fotografia singelamente emoldurada pendia da parede. Era o retrato de Henry Ford.

4. O fim de Sidney Reilly

Logo após a sua chegada aos E.U.A., Sidney Reilly começara a trabalhar em íntima colaboração com os agentes da organização anti-semita e anti-soviética de Ford. Com a assistência destes ele compilou “uma lista completa de todos quantos vinham trabalhando secretamente pela causa bolchevique na América.” (39.)

Com os esforços de Reilly, estabeleceu-se o contacto entre o movimento anti-semítico e antidemocrático nos E.U.A. e os ramos da Liga Antibolchevique Internacional na Europa e na Ásia. Na primavera de 1925 estava finalmente criada a estrutura básica para uma propaganda fascista internacional e para um centro de espionagem operando sob a máscara de “antibolchevismo.”

Enquanto isso, Reilly mantinha estreito contacto com seus agentes na Europa. De Reval, Helsinque, Roma, Berlim e outros centros de intriga anti-soviética chegava-lhe regularmente a correspondência. Grande parte dessa correspondência, endereçada para a Broadway, ou era cifrada, ou escrita em tinta invisível no dorso de cartas comerciais aparentemente inócuas.

As comunicações continham minuciosas informações acerca de cada novo desenvolvimento do movimento anti-soviético europeu. A *debacle* de Savinkov desmoralizara temporariamente grandes secções do movimento. Os Guardas Verdes tinham-se dispersado em pequenos grupos soltos de bandidos e terroristas profissionais. Ciúmes e mútuas suspeitas vinham contribuindo com sua parte para a desorganização de outros grupos anti-soviéticos. Parecia que a grande contra-revolução iria esmorecer por algum tempo.

“Sidney via perfeitamente”, recorda a Senhora Reilly, “que a contra-revolução tinha de partir da Rússia, e que todo

(39) Essa lista, que incluía os nomes de todo americano destacado que dissera alguma coisa em favor da Rússia Soviética, deveria ser utilíssima para os agentes fascistas e nazistas americanos nos anos posteriores. A propagandista anti-semita, Elizabeth Dilling, baseou-se mais tarde nessa e em outras listas semelhantes, para compilar sua famosa *Réde Vermelha*. George Sylvester Viereck o Coronel Emerson, Oscar Pfaus e outros agentes nazistas e quinta-colunistas nos Estados Unidos fizeram uso idêntico desses dados em seus trabalhos de propaganda.

êsse trabalho de fora poderia quando muito criar uma hostilidade exterior e passiva contra os Sovietes. Frequentemente êle era procurado para auxiliar as organizações em Moscou, como fôra aconselhado por Drebkov em Londres, mas procedia cautelosamente...

No comêço dessa primavera, Reilly recebeu uma carta de Reval, Estônia, que o entusiasmou enormemente. A carta, cifrada, era de um velho amigo, o comandante E., que servira com êle no Serviço Britânico de Informações durante a Guerra Mundial, e que estava agora adido ao serviço consular britânico em um dos países bálticos. A carta, datada de 24 de janeiro de 1925, começava assim:

“Caro Sidney:

Você deverá ser procurado em Paris por duas pessoas. Krachnochtanov marido e mulher. Eles dirão que possuem notícias da Califórnia e lhe entregarão uma nota que consiste em um verso do Omar Kháyyam (*sic*), do qual você se recordará. Se lhe interessar o negócio dêles, você os convidará a ficar. Se não interessar, você dirá apenas “muitíssimo obrigado, bom dia.”

No código usado pelo comandante E. e Reilly, “Krachnochtanov” significava um agente anti-soviético chamado Schultz e sua mulher; “Califórnia” era a União Soviética; o “verso de Omar Khayyam” era uma mensagem especial em código secreto. O comandante E. continuava:

“Agora, quanto ao negócio. Eles são representantes de uma firma que possui tôda probabilidade de enorme influência futura nos mercados europeus e americanos. Eles não afirmam que o seu negócio se desenvolverá plenamente nestes dois anos, *mas podem surgir circunstâncias que lhe dêem o ímpeto desejado em futuro próximo*. É um negócio muito importante acêrca do qual é bom não falar...”

O comandante E. prosseguiu dizendo que “um grupo alemão” estava muito interessado em participar do negócio

e que “um grupo francês” e um “grupo inglês”, estavam ativamente envolvidos nêle.

Referindo-se mais uma vez à “firma”, que êle indicava como operando na Rússia, o comandante E. escrevia:

“Eles recusam-se a revelar no momento o nome do homem que está por detrás dessa empresa. O máximo que lhe posso comunicar é que algumas das principais pessoas são membros dos grupos de oposição. Você pode, diante disso, compreender a necessidade de sigilo... Estou apresentando êste projeto a você, pensando que êle possa talvez substituir o outro grande plano que você elaborou, mas que fahou de maneira tão desastrosa.”

Sidney Reilly e sua mulher deixaram Nova Iorque aos 6 de agosto de 1925. Chegaram a Paris no mês seguinte e Reilly procurou logo entrar em contacto com os Schultzs, acerca dos quais o comandante E. tinha escrito. Eles descreveram a situação dentro da Rússia, onde, desde a morte de Lênin, o movimento de oposição associado com Leon Trotsky fôra transformado numa organização subterrânea destinada a derribar o regime de Stálin.

Reilly convenceu-se logo da grande importância dêsses novos desenvolvimentos. Ficou ansioso por conseguir contacto pessoal, o mais breve possível, com os líderes da facção anti-stalinista na Rússia. Foram trocadas mensagens entre os agentes secretos. Assentou-se finalmente que Reilly deveria encontrar-se com um importante representante do movimento na fronteira soviética. Reilly partiu para Helsinque a fim de ver o chefe do estado-maior do exército finlandês, um dos seus íntimos amigos pessoais e membro de sua Liga Anti-bolchevique, que deveria dar as providências necessárias para conduzi-lo através da fronteira soviética.

Logo depois, Reilly escreveu à sua esposa, que permanecera em Paris: “Há algo de real e inteiramente novo, empolgante e digno de levar a gente à Rússia.”

Uma semana depois, aos 25 de setembro de 1925, Reilly despachou uma nota apressada à sua esposa, de Viborg, na Finlândia, dizendo:

“É absolutamente necessário que eu vá por três dias a Petrogrado e Moscou. Parto hoje à noite e voltarei terça-feira de manhã. Quero que você saiba que eu não empreenderia essa viagem se não fôsse absolutamente essencial, e se eu não estivesse convicto de que praticamente não há nenhum risco a correr. Estou escrevendo esta carta unicamente para o caso improvabilíssimo de que me sobrevenha um infortúnio. Se isto acontecesse, você não deveria tomar providência alguma; esta me valeria pouco, e poderia alarmar os bolcheviques e levá-los a descobrir a minha identidade. Se por acaso eu fôsse prêso na Rússia, seria apenas por alguma acusação sem importância e meus novos amigos são bastante poderosos para conseguirem a minha libertação.”

Era essa a última carta que escreveria o Capitão Sidney Reilly, do serviço secreto britânico.

Decorridas várias semanas, como a Senhora Reilly ainda não recebesse uma palavra do seu marido, dirigiu-se a Marie Schultz, aliada de Reilly em Paris. A Senhora Reilly lembrou essa entrevista mais tarde, em suas memórias.

“Quando o seu marido chegou aqui, disse a Senhora Schultz à Senhora Reilly, eu lhe comuniquei o estado exato dos acontecimentos, como interessavam à nossa organização. Temos a nosso favor alguns dos principais funcionários bolcheviques em Moscou, ansiosos para darem cabo do atual regime, contanto que possam sair disso sãos e salvos.”

“O Capitão Reilly”, continuou a Senhora Schultz, “no começo permanecera cético. Ele disse que o auxílio estrangeiro para uma nova aventura contra a Rússia Soviética, só se conseguiria se o grupo conspirativo dentro do país tivesse alguma pujança real.”

— Eu lhe asseguro — disse a Senhora Schultz, “que a nossa organização na Rússia é poderosa, influente e coesa.”

A Senhora Schultz continuou relatando como se combinara um encontro entre Reilly e representantes do movimento conspirativo russo em Viborg, Finlândia. “O Capitão Reilly impressionou-se muito com eles”, disse a Senhora Schultz, “particularmente com o seu chefe, um funcionário bolchevique

altamente colocado, que, disfarçadamente, é um dos mais ardorosos inimigos do atual regime.”

No dia seguinte, acompanhado por guardas de uma patrulha finlandesa especialmente designados para essa tarefa, Reilly e os conspiradores russos encaminharam-se para a fronteira. “De minha parte,” relatou a Senhora Schultz, “fui até à fronteira para lhes desejar boa sorte.” Eles permaneceram num forte finlandês à margem de um rio até ao cair da noite. “Esperamos por um longo tempo enquanto os finlandeses espreitavam ansiosamente a patrulha vermelha, mas tudo estava quieto. Finalmente um dos finlandeses descou cautelosamente na água, nadou metade e andou outra metade do rio. Seu marido acompanhou...”

Foi essa a última vez que a Senhora Schultz viu o Capitão Reilly.

Ao acabar a sua narrativa, Madame Schultz entregou à Senhora Reilly um recorte do jornal russo, *Izvestia*. Estava escrito:

“Na noite de 28-29 de setembro, quatro contrabandistas tentaram atravessar a fronteira finlandesa, pelo que dois d’êles foram mortos, um soldado finlandês foi prêso e o quarto veio a morrer gravemente ferido.”

Os fatos, como se soube depois, foram os seguintes: Reilly atravessara com êxito a fronteira soviética e entrevistara alguns membros da oposição anti-stalinista russa. De volta, ao atingir a fronteira finlandesa, êle e seus guarda-costas foram subitamente detidos por uma unidade dos guarda-fronteiras soviéticos. Reilly e os outros tentaram escapar. Os guarda-fronteiras abriram fogo. Uma bala feriu Reilly na testa, matando-o instantâneamente.

Poucos dias depois, as autoridades soviéticas identificaram o “contrabandista” morto. Quando o fizeram, anunciaram normalmente a morte do Capitão Sidney George Reilly, do serviço secreto britânico.

O *Times* de Londres redigiu seu obituário em duas linhas: *Sidney George Reilly, morto aos 28 de setembro pela G.P.U. na aldeia de Allekul, na Rússia.*



Comunidade Josef Stálin

Em defesa do Marxismo-Leninismo

<http://www.comunidadestalin.org>
www.comunidadestalin.blogspot.com

comunidadejstalin@hotmail.com